

# A DÁDIVA *da* COSTUREIRA *de* PARIS

**BESTSELLER**

Wall Street Journal  
Washington Post  
e Amazon

Durante a ocupação alemã, três mulheres unidas pela lealdade e ameaçadas pela traição enfrentam escolhas difíceis que lhes podem vir a custar a vida.



*Fiona Valpy*

AUTORA BESTSELLER DE MAR DE MEMÓRIAS

TOP  
SEL  
LER

*Dedicado à memória das agentes femininas do Executivo  
de Operações Especiais que colaboraram com o movimento  
da Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial  
e perderam a vida nos campos de concentração  
de Natzweiler-Struthof, Dachau e Ravensbrück:*

*Yolande Beekman, Denise Bloch, Andrée Borrell,  
Madeleine Damerment, Noor Inayat Khan, Cecily Lefort,  
Vera Leigh, Sonia Olchaneky, Eliane Plewman,  
Lilian Rolfe, Diana Rowden, Yvonne Rudelatt  
e Violette Szabo.*

*E às suas irmãs de armas, cujos nomes não foram registrados  
e cujo destino permanece desconhecido até hoje.*

2017

Ao longe, o vestido azul-escuro parece ter sido cortado de uma peça única de seda. As linhas graciosas das pregas são fluidas, delineando a forma do manequim sobre o qual está exposto.

Porém, se olharmos mais de perto, apercebemo-nos de que é uma ilusão: o vestido foi confeccionado a partir de sobras e de retalhos, costurado de ponta a ponta, tão habilmente que os pedaços se transformaram noutra coisa.

Os anos volvidos foram envelhecendo o vestido, tornando-o tão frágil que precisa de ser protegido para poder contar a sua história nos anos vindouros, pelo que a equipa do museu optou por colocá-lo dentro de um armário de vidro para a exposição. De um lado, a vitrina é feita de lente de aumento, para permitir que os visitantes analisem os pormenores do trabalho manual da costureira. Cada fragmento de tecido foi cosido à mão com pontos invisíveis, tão pequenos e regulares quanto qualquer máquina moderna poderia executar. As pessoas que o vierem ver haverão de maravilhar-se com a sua complexidade e com o tempo e paciência que devem ter sido necessários para o criar.

Nesta vitrina exhibe-se uma história — uma história que faz parte de todas as nossas histórias partilhadas, bem como da minha própria história pessoal.

O diretor do museu vem verificar se está tudo em ordem para a abertura. Anui com a cabeça, em sinal de aprovação, e o resto da equipa vai beber um copo ao bar da esquina para comemorar.

Contudo, eu fico para trás, e, pouco antes de finalmente fechar o armário, passo com as pontas dos dedos sobre as delicadas contas prateadas do vestido que atraem o olhar para o decote. São outra distração inteligente dos retalhos que o compõem, como estrelas dispersas sobre o céu da meia-noite. Imagino a forma como terão captado a luz e como o olhar do observador teria sido aliciado a subir até à curvatura do pescoço, à linha das maçãs do rosto, aos olhos de quem envergasse o vestido — olhos que teriam espelhado essa mesma luz nas suas profundezas.

Fecho a vitrina. Sei que está tudo pronto. Amanhã, as portas da galeria abrir-se-ão, e as pessoas virão para apreciar o vestido cuja imagem se exhibe nos cartazes afixados nas paredes do *Métro*.

Ao longe, julgarão que foi cortado de uma peça única de seda. Só quando olharem mais de perto é que se aperceberão da verdade.

# Harriet

Uma rajada de ar quente e abafado, soprada do emaranhado de túneis no solo, embate-me nas pernas e arrebatam-me o cabelo, enquanto me debato com a minha pesada mala, que arrasto pelos degraus do *Métro* acima até emergir na luz da tarde em Paris. O passeio está apinhado de turistas, que deambulam calmamente, consultando mapas e telemóveis para perceberem em que direção deverão seguir. Com passos mais rápidos e determinados, os elegantes habitantes locais, recentemente regressados para reclamar a sua cidade após o mês de agosto passado à beira-mar, tecem o seu caminho por entre a multidão.

A enchente de tráfego vai fluindo numa mancha contínua de cores e de sons, e, por instantes, sinto-me zozna, atordoada com todo este movimento e toda a excitação nervosa que me assola por me encontrar na cidade que será a minha casa durante os próximos 12 meses. Posso parecer uma turista, mas, dentro de pouco tempo, espero ser confundida com uma parisiense nativa.

Proporcionando-me um breve momento para me conseguir recompor, encosto a minha mala ao gradeamento junto à entrada da estação de Saint-Germain-des-Prés e consulto o e-mail no meu telemóvel para verificar novamente os pormenores. Na verdade, não preciso de o fazer: sei-o de cor...

Cara Sra. Shaw,

Na sequência do meu telefonema, tenho o prazer de confirmar que a sua candidatura para um estágio de um ano na Agence Guillemet foi aceite. Parabéns!

Como falámos, embora possamos oferecer-lhe apenas o salário mínimo para a posição de estagiária, temos o prazer de lhe garantir alojamento num apartamento sobre o escritório.

Assim que tiver os pormenores da sua viagem acertados, confirme a data e a hora da sua chegada. Mal posso esperar por lhe dar as boas-vindas à nossa empresa.

Cordialmente,  
Florence Guillemet  
*Directrice*  
Agence Guillemet, *Relations Publiques*  
Rue Cardinale, n.º 12, 75000 Paris.

Ainda mal acredito que consegui convencer a Florence a aceitar-me. Ela gere uma agência de relações públicas especializada no setor da moda, concentrando-se numa lista de clientes de pequenas empresas e *startups* que não dispõem de verbas para manter o seu próprio pessoal de comunicação. Não costuma contratar estagiários, mas a minha carta e o meu currículo foram suficientemente persuasivos para que ela me ligasse finalmente — depois de eu voltar a enviá-los uma segunda vez, ou seja, ao perceber que eu não iria deixá-la em paz até obter uma resposta. O facto de eu estar disposta a trabalhar um ano inteiro apenas pelo salário mínimo juntamente com a minha fluência em francês levaram a uma entrevista formal através do *Skype*. Depois, uma ótima carta de referência do meu orientador universitário, que enfatizou o meu interesse pelo mundo da moda e o meu empenho árduo no trabalho, convenceu-a finalmente a aceitar-me.

Eu estava preparada para arrendar uma casa num dos subúrbios menos recomendáveis da cidade, esticando a pequena herança que a minha mãe me deixou em testamento sob a forma de um fundo fiduciário, pelo que achei a oferta de um quarto por cima do escritório um bónus fantástico. Ficaria a morar no edifício que me permitira, precisamente, descobrir a Agence Guillemet.

Não costumo acreditar no destino, mas senti-me como se uma força estivesse a atrair-me para Paris, a levar-me ao Boulevard Saint-Germain. A trazer-me para aqui.

Para o edifício da fotografia.

Eu encontrara a fotografia numa caixa de cartão com coisas da minha mãe, que havia sido empurrada para o fundo da prateleira mais alta do meu guarda-roupa, provavelmente pelo meu pai. Talvez ele quisesse escondê-la lá em cima para que eu só a encontrasse quando tivesse crescido o suficiente para estar pronta para ver o seu conteúdo, após a passagem dos anos ter suavizado o meu sofrimento profundo, a ponto de esse conteúdo já não me infligir tanta dor. Ou talvez tenha sido a culpa a fazê-lo empurrar a caixa fechada com fita-cola, afastando-a da minha vista e do meu alcance, de modo a que ele e a sua nova mulher não tivessem de ver esse lembrete pateticamente raquítico do papel que ambos desempenharam na tristeza insuportável que levou a minha mãe ao suicídio.

Descobri-a num dia húmido, ainda na adolescência, tendo vindo do colégio interno para passar as férias da Páscoa a casa. Apesar dos esforços do meu pai e da minha madrasta — darem-me o meu próprio quarto, deixarem-me escolher a cor das paredes e permitirem-me organizar à minha maneira os livros, os bibelôs e os pósteres que trouxera comigo —, nunca me senti em casa. Sempre foi a casa *deles*, nunca a minha — o local para onde tive de ir morar quando a minha casa subitamente deixou de existir.

Estava aborrecida naquele dia chuvoso de abril. As duas filhas da minha madrasta, mais novas do que eu, também se sentiam entediadas, o que

significava que se estavam a arrelhar uma à outra, até, inevitavelmente, começarem a chamar-se nomes, o que originou uma discussão acesa seguida de uma boa quantidade de berros e de portas a baterem.

Refugiei-me no meu quarto e enfiei os auscultadores nos ouvidos, usando a minha música para abafar o barulho. Sentada na cama, de pernas cruzadas, comecei a folhear a *Vogue* desse mês. A meu pedido, a minha madrastra oferecera-me uma assinatura da revista como presente de Natal. Sempre saboreei o momento em que abria cada nova edição da revista, devorando as páginas brilhantes, requintadamente perfumadas, com amostras dos mais recentes perfumes e cremes, um portal para o mundo glamoroso da alta-costura. Nessa edição, havia uma fotografia de uma modelo com uma t-shirt amarelo-prímula que encabeçava um artigo intitulado: «Tons pastel para o início do verão.» Lembrei-me de que tinha uma t-shirt parecida algures no meu guarda-roupa, entre as peças de verão que eu lavara e dobrara cuidadosamente no outono anterior, trocando-as, na prateleira superior, pelas camisolas mais quentes e pulôveres que lá estavam escondidos.

Pus a revista de lado e arrastei a cadeira da secretária para junto do guarda-roupa. Ao tentar alcançar a pilha de tops de verão, as pontas dos meus dedos roçaram no cartão amolecido pelo tempo da caixa empurrada para o fundo da prateleira.

Nunca lhe prestara qualquer atenção, até àquele dia — provavelmente porque, antes, não era suficientemente alta para conseguir ver o que lá estava escrito. Em bicos de pés, puxei a caixa para mim e vi o nome da minha mãe, escrito com um marcador preto grosso na fita adesiva que fechava a tampa.

Já esquecida de todos os pensamentos relativos a tons pastel para o início do verão, peguei na caixa. Junto do nome da minha mãe — Felicity — estava rabiscado, na caligrafia do meu pai: «Papéis/fotografias, etc., para a Harriet.»

Passei os dedos sobre as palavras, e os meus olhos encheram-se de lágrimas ao ver o nome dela, e o meu, ambos ali escritos. A larga fita adesiva castanha perdera a sua aderência ao longo dos anos e soltou-se

do cartão com um barulho suave quando lhe toquei. Enxuguei as lágrimas com a manga e abri a caixa.

A pilha de papéis que continha parecia ter sido apressadamente — e até aleatoriamente — atirada lá para dentro, sem qualquer ordem em particular; eram os restos da vida da minha mãe que alguém colocara no monte destinado a «guardar para a Harriet», e que tinham acabado numa caixa de cartão castanho, em vez de num saco do lixo preto.

Espalhei-os pelo chão do meu quarto, separando os documentos oficiais — a carta de condução e o passaporte desatualizados da minha mãe — das cópias dos meus antigos registos escolares e dos cartões de aniversário feitos por mim, que eu lhe dera ao longo dos anos. Chorei novamente ao ver o desenho desajeitado e infantil de nós as duas de mãos dadas, sozinhas. Contudo, sorri por entre as lágrimas ao perceber que, mesmo naquela idade, eu adicionara alguns toques de elegância: grandes botões na parte da frente dos nossos vestidos e malas coloridas a combinar. A caligrafia no interior dos cartões ia desde a letra de imprensa arduamente conseguida no jardim de infância até uma letra arredondada da escola primária, mensagens de amor sinceras que ela estimara com carinho suficiente para as guardar. Talvez tenha sido imaginação minha, mas pareceu-me que, mesmo após todos aqueles anos, as fotografias emanavam, muito ligeiramente, o perfume que ela sempre usara. O cheiro docemente floral trouxe-me uma vívida recordação do frasco preto com a tampa prateada pousado no seu toucador, um perfume francês chamado *Arpège*.

Porém, os meus desenhos e as minhas mensagens não haviam sido suficientes. Não tinham sido capazes de a tirar das areias movediças da solidão e da tristeza que acabaram por a assoberbar, arrastando-a para um local tão fundo que a única fuga que ela conseguiu encontrar foi a morte. O nome dela<sup>1</sup> foi uma das derradeiras ironias de uma vida tudo menos feliz. Os únicos momentos em que parecia realmente feliz era quando tocava piano, perdendo-se na música, enquanto as

---

<sup>1</sup> Felicity significa felicidade, em português. [N. T.]

mãos navegavam sem qualquer esforço pelas teclas. A minha garganta contraiu-se em torno de um pedaço de dor tão sólido como uma pedra, à medida que empilhava as cartas, cuidadosamente: a prova de que a minha mãe me amara tanto, mas que o amor, em última análise, não a conseguira salvar.

Quando, por fim, terminei de separar os outros papéis, já de olhos enxutos, virei a minha atenção para um molho de fotografias no fundo da caixa.

No topo do monte havia uma que me fez suster o fôlego: uma fotografia da minha mãe a embalar-me nos braços, um bebé com uma auréola de lanugem na cabeça, refletindo o sol que entrava pela janela ao nosso lado. A luz, que a fazia assemelhar-se a uma Madona renascentista, também me banhava de dourado, parecendo iluminada pelo amor que irradiava dos olhos dela enquanto olhava para mim. No seu pulso, claramente visível, estava a pulseira de ouro que agora uso. O meu pai deu-ma no meu décimo sexto aniversário, explicando-me que pertencera à minha mãe, e, antes disso, à mãe dela. Usei-a sempre, desde então. Na fotografia, vi alguns dos berloques que ainda hoje estão pendurados no meu pulso: a minúscula Torre Eiffel, o carrinho de linhas e o dedal.

Percebi que fora provavelmente o meu pai a tirar aquela fotografia, numa altura em que éramos somente nós os três, e éramos o suficiente. Numa altura em que éramos tudo.

Pus a fotografia de parte. Iria encontrar uma moldura para a colocar e levá-la-ia comigo quando regressasse ao colégio, para a pousar no parapeito da janela, junto à minha cama, onde a veria todos os dias sem ter de me preocupar com a possibilidade de isso incomodar o meu pai ou irritar a minha madrastra, a memória de um tempo anterior que eles prefeririam esquecer. Como se a minha presença em casa deles não fosse já suficientemente má.

Dentro da caixa havia também várias fotografias da escola: eu com a minha blusa branca e o meu pulôver azul-marinho, rigidamente sentada em frente ao pano azul-celeste do fotógrafo, esboçando o meu

sorriso nitidamente cauteloso. A minha mãe guardara-as todas, ano após ano: o meu cabelo louro-acobreado afastado do rosto por uma bandolete azul-escura numa delas, e apanhado num rabo de cavalo muito bem feito noutra. Porém, a minha expressão de vigilância cautelosa estava sempre presente, em todas elas.

Peguei nas últimas fotografias da escola que se encontravam no fundo da caixa. Ao abrir o cartão creme, caiu-me outra fotografia no colo. Era uma antiga fotografia a preto-e-branco, encarquilhada e amarelada com o tempo. Provavelmente há muito esquecida, devia ter ficado presa sob o monte por engano. Algo nessa fotografia — talvez os sorrisos das três raparigas que exibia, ou os cortes elegantes dos fatos que envergavam — me chamou a atenção. Tinham todas um ar chique continental. Ao observar melhor, percebi que tinha razão: as raparigas encontravam-se diante da montra de uma loja sobre a qual estava pintado o número do edifício — 12 — e as palavras «*Delavigne, Couturier*». Levei a fotografia até à janela para a examinar com mais luz e consegui distinguir as palavras da placa de esmalte afixada no edifício, inconfundivelmente francês, na qual se lia: «*Rue Cardinale — 6e arrondissement*».

Reconheci a rapariga da esquerda. Com os seus traços delicados, o cabelo louro e o sorriso suave, revelava mais do que uma leve semelhança com a minha mãe. Tive a certeza de se tratar da minha avó Claire: lembrava-me vagamente da sua fisionomia, dos álbuns de família antigos que eu folheara — onde estariam esses álbuns agora? —, e a minha mãe dissera-me que a sua mãe tinha nascido em França. Pouco mais me contara sobre ela. Na verdade, só nesse momento me apercebi de que, estranhamente, a minha mãe mudava de assunto sempre que eu fazia perguntas sobre a minha avó francesa.

Obviamente, quando virei a fotografia, estavam três nomes escritos no verso, numa caligrafia elaboradamente desenhada — Claire, Vivienne, Mireille —, e a indicação: «*Paris, Mai 1941*».

\* \* \*

Eu sabia que era rebuscado, mas, estranhamente, aquela fotografia antiga — um fragmento da história da família da minha mãe — tornou-se uma parte importante da minha herança. Sobrara tão pouco da minha família materna, que esta ténue ligação a um dos meus antepassados assumiu um enorme significado para mim. Coloquei-a numa moldura, ao lado da fotografia da minha mãe comigo bebé, e depois acompanhou-me ao longo do resto do meu percurso escolar até à universidade. Embora eu já tivesse começado a interessar-me pelo mundo da moda antes de descobrir aquela fotografia esquecida na caixa de cartão, a imagem das três jovens elegantes postadas naquela esquina há mais de 40 anos contribuiu certamente para espicaçar o meu fascínio. Talvez o amor pela moda já me estivesse no sangue, mas a fotografia ajudou a moldar os meus sonhos. Pareceu-me obra do destino quando, numa visita de estudo que fiz a Paris, me dirigi àquela morada — Rue Cardinale, n.º 12 —, deparando com uma montra onde dizia: «*Agence Guillemet, Relations Publiques (spécialiste Mode)*.» Naquele momento, o meu futuro ficou decidido. Aquele letreiro abriu-me uma carreira que eu nunca imaginara existir e levou-me a candidatar-me a um estágio em relações públicas de moda após terminar a minha licenciatura em Estudos Empresariais e Língua Francesa.

Eu hesitara antes de entrar em contacto com a agência, faltando-me a confiança para fazer uma abordagem vinda do nada e sem receber qualquer encorajamento por parte do meu pai, que sempre tentou dissuadir-me do meu interesse pela moda, parecendo desaprovar a minha escolha de carreira. Porém, como se me estivessem a incitar, a minha avó Claire e as suas duas amigas sorriam-me da fotografia a preto-e-branco pousada na mesa ao lado do meu portátil, como se dissessem: «Finalmente! De que é que estás à espera? Vem encontrar-nos!»

E aqui estou eu, em Paris, numa tarde de setembro, a endireitar o meu casaco e a ajeitar o cabelo, antes de arrastar a minha mala ao longo do passeio movimentado e tocar à campainha da porta do escritório. A montra, tapada até meio por persianas com o logótipo da Agence Guillemet para proteger o interior do brilho do sol da tarde, reflete

a minha ansiedade, e apercebo-me de que o meu coração está a bater descompassadamente.

Com um clique, a porta destranca-se e eu empurro-a para a abrir, entrando numa área de receção levemente iluminada.

As paredes cinzentas com frisos decorativos estão adornadas com cópias emolduradas de capas de revistas — *Vogue*, *Paris Match*, *Elle* — e fotografias de moda. Mesmo à primeira vista, consigo reconhecer os estilos característicos de fotógrafos como Mario Testino, Patrick Demarchelier e Annie Leibovitz. Dois sofás minimalistas, estofados num linho cor de marfim muito pouco prático, encontram-se virados um para o outro, com uma mesa baixa ao meio, sobre a qual se encontra uma seleção das mais recentes publicações de moda em várias línguas.

Por instantes, imagino-me a afundar-me num dos sofás e a descalçar os sapatos, que me estão a morder os pés, inchados da viagem.

Em vez disso, avanço para apertar a mão da rececionista, que saiu de detrás da sua secretária para me cumprimentar. A primeira coisa em que reparo ao olhar para ela é na massa de cachos escuros que lhe emolduram o rosto e caem sobre os ombros. A segunda é no seu estilo intrinsecamente chique. O vestidinho preto que enverga abraça as curvas do seu corpo, e as sabrinhas que calça pouco adicionam à sua baixa estatura. Sinto-me, de súbito, estranhamente alta e desajeitada em cima dos meus saltos altos, e muito formal dentro do meu fato feito à medida com uma blusa branca cintada, agora amarrotada devido à viagem e ao calor.

Felizmente, porém, a terceira coisa em que reparo é no seu sorriso simpático, que lhe ilumina os olhos escuros ao receber-me, dizendo:

— Olá, debes ser a Harriet Shaw. Eu sou a Simone Thibault. Muito prazer em conhecer-te. Estava ansiosa por ter companhia. Vamos ser companheiras de casa, vamos partilhar o apartamento lá em cima. — Acena em direção à cornija ornamentada no teto, acima das nossas cabeças, fazendo os caracóis dançar.

Simpatizo imediatamente com ela, secretamente aliviada por não ser uma das *fashionistas* francesas, magras e pretensiosas, que eu imaginara que as minhas colegas pudessem ser.

A Simone guarda a minha mala atrás da secretária e guia-me através de uma porta, na parte de trás da receção. Apercebo-me imediatamente do discreto chilrear dos telefones e do murmúrio de vozes no movimentado gabinete de relações públicas. Um entre cerca de meia dúzia de funcionários — os gestores de contas e os seus assistentes — levanta-se para me apertar a mão, mas os outros ocupantes da sala estão completamente absortos no seu trabalho e só têm tempo para um breve aceno de cabeça quando passamos por eles.

A Simone faz uma pausa em frente a uma porta ornamentada, na extremidade oposta da sala, e bate. Um momento depois, uma voz responde «*Entrez!*», e dou por mim diante de uma grande secretária de mogno, atrás da qual se senta Florence Guillemet, a diretora da agência.

Ela ergue os olhos do ecrã do computador e tira os óculos de armação escura. Está imaculadamente vestida, com o fato mais elegante que já vi. *Chanel*, talvez? Ou *Yves Saint Laurent*? O cabelo louro com madeixas está cortado de modo a salientar-lhe as maçãs do rosto, embelezando um maxilar que começa a revelar os primeiros sinais de flacidez trazidos com a idade. Os olhos são de um caloroso castanho-avelã, e parecem ver-me até à alma.

— Harriet? — pergunta ela.

Anuo com a cabeça, momentaneamente estupefacta ao aperceber-me da magnitude do que fiz. Um ano? Nesta agência de relações públicas profissional que só lida com clientes de topo? Na capital mundial da moda? O que é que estou aqui a fazer? E quanto tempo irão demorar a descobrir quão mal preparada estou — acabada de sair da faculdade — para contribuir com algo de valor para o trabalho que aqui fazem?

Ela sorri.

— A Harriet faz-me lembrar de mim própria, há muitos anos, quando entrei para este ramo. Demonstrou coragem e determinação para chegar aqui, mas talvez se sinta um bocadinho assoberbada neste momento, não é?

Volto a anuir, ainda sem conseguir encontrar palavras.

— Bem, é natural. Fez uma longa viagem e deve estar cansada. Por hoje, a Simone mostra-lhe o apartamento e vai deixá-la instalar-se. Tem o fim de semana para se ambientar. O trabalho começa na segunda-feira. Vai ser bom termos aqui mais um par de mãos. Estamos tremendamente ocupados com os preparativos para a Semana da Moda.

A ansiedade que estou a sentir, e que a mera menção à Semana da Moda de Paris, um dos eventos mais importantes do calendário da alta-costura, só veio aumentar, deve transparecer na minha expressão, porque ela acrescenta:

— Não se preocupe. Vai correr tudo bem.

Consegui encontrar novamente a minha voz para responder:

— *Merci*, Madame Guillemet.

Nesse momento, porém, toca o telefone na secretária e ela dispensa-nos com outro sorriso e um aceno de mão, enquanto se vira para o atender.

A Simone ajuda-me a carregar a mala ao longo de cinco lanços de escadas íngremes e estreitas. O primeiro andar, explica ela, é usado como estúdio fotográfico, alugado a freelancers. Espreitamos pela porta para dar uma vista de olhos. É uma sala ampla com paredes brancas vazias, salvo um par de telas dobráveis a um canto. Com as grandes janelas e o pé-direito alto, é o espaço perfeito para sessões fotográficas de moda. Os três andares seguintes são subarrendados como escritórios. As placas de latão nas portas indicam que os espaços estão ocupados por uma empresa de contabilidade e um fotógrafo.

— A Florence tem de rentabilizar o edifício — explica a Simone. — E há sempre pessoas interessadas em arrendar um pequeno escritório em Saint-Germain. Do contrato de arrendamento, porém, consta a condição de que o espaço do último andar não pode ser arrendado, para que possa ser um benefício dos funcionários. Felizmente para nós!

O piso superior do edifício, escondido sob o beiral, é constituído por uma série de pequenas divisões, algumas das quais são utilizadas como arrecadação, cheias de armários de arquivo, caixas de material de escritório antigo, computadores obsoletos e pilhas de revistas.

A Simone mostra-me a exígua cozinha, onde há espaço apenas para um frigorífico, um fogão e um lava-louça, e a sala de estar, com uma mesa redonda que parece saída de um café, duas cadeiras num canto e um pequeno sofá encostado à parede em frente. O tamanho compacto da casa é absolutamente compensado pela luz natural que entra pela claraboia das águas-furtadas. Se eu me puser em bicos de pés e esticar um pouco o pescoço, consigo ver o horizonte parisiense e vislumbrar o telhado da igreja que dá nome ao Boulevard Saint-Germain.

— E este é o teu quarto — diz a Simone, abrindo outra porta.

É minúsculo; só há espaço para uma cama de ferro de solteiro, uma cómoda e um suporte para cabides, utilitário e independente, que parece ter sido resgatado de um armazém, num passado distante.

Se me curvar sob o teto inclinado, consigo ver, pelo pequeno quadrado da claraboia, um mar de telhados, através dos quais se espalha uma flotilha de chaminés e de antenas de televisão, sob o céu azul-claro de setembro.

Viro-me para sorrir à Simone.

Ela encolhe os ombros, como se pedisse desculpa.

— É pequeno, mas...

— É perfeito — digo-lhe. E estou a ser sincera, porque este quarto minúsculo é meu: o meu próprio espaço, nos próximos 12 meses. E, de alguma forma, apesar de nunca o ter visto antes, invade-me um sentimento de pertença: parece que estou em casa.

Uma fotografia antiga, há muito esquecida, descoberta acidentalmente numa caixa de recordações quase desvanecidas, é o único elo ténue que me liga a este lugar. Contudo, também não tenho, na verdade, nenhuma outra ligação forte na minha vida, pelo que este fio tão frágil, tão fino quanto um fio de seda desgastado pelo tempo, tornou-se a minha única tábuca de salvação, ligando-me a este pequeno quarto num prédio desconhecido, numa cidade estrangeira. Atraí-me até aqui, e sinto uma forte compulsão para ver aonde me leva, seguindo-o ao longo dos anos, ao longo de gerações, retrocedendo até chegar à sua origem.

— Bem, é melhor eu voltar ao trabalho. — A Simone olha para o relógio. — Falta mais uma hora para o fim de semana começar oficialmente. Deixo-te a desfazer as malas. Até logo.

Sai, fechando a porta do apartamento atrás de si, e ouço os seus passos a desaparecerem pelas escadas abaixo.

Abro a mala e vasculho sob as camadas de roupa cuidadosamente dobrada, até as pontas dos meus dedos tocarem nas arestas duras da moldura, envolvida, por segurança, nas dobras de uma camisola de lã.

Os olhos das três jovens da fotografia parecem estar cravados nos meus, enquanto procuro, nos seus rostos, pela milionésima vez, pistas sobre as suas vidas. Coloco a fotografia sobre a cómoda, ao lado da minha cama estreita. Estou mais ciente do que nunca de que não tenho raízes e de como é essencial para mim descobrir mais sobre aquelas jovens.

Não estou simplesmente a tentar saber quem são elas — estou também a tentar descobrir quem sou eu.

Os sons das pessoas de regresso a casa no final de uma semana de trabalho entram pela minha janela, vindos da rua, lá em baixo. Estou a pendurar a última peça de roupa no varão quando ouço a porta de casa a abrir. A Simone cantarola:

— *Coucou!*

Aparece à porta do meu quarto, com uma garrafa na mão, cujo vidro evidencia sinais da condensação provocada pelo vinho branco gelado que contém.

— Queres beber alguma coisa? Achei que devíamos celebrar a tua primeira noite em Paris. — Ergue o saco de compras que traz na outra mão e acrescenta: — Também trouxe umas coisinhas para acompanhar, já que ainda não tiveste tempo de explorar as lojas. Amanhã mostro-te onde são as coisas.

Olha em redor da divisão, observando os poucos toques pessoais que adicionei — dois livros ao lado da cama, junto ao meu frasco de

perfume, e a uma caixa de porcelana pintada que era da minha mãe, onde guardo as poucas joias que possuo: alguns pares de brincos e um colar de pérolas. Também lá guardo a pulseira de berloques, quando a tiro à noite.

Reparando na fotografia, a Simone pousa o saco de compras no chão e aproxima-se para a observar melhor.

Aponto para a loura do lado esquerdo.

— É a minha avó Claire, em frente a este mesmo edifício. Ela é a razão pela qual estou aqui.

A Simone olha para mim, com uma expressão de incredulidade estampada no rosto.

— E esta — diz ela, apontando para a rapariga à direita do trio — é a *minha* avó Mireille. Em frente a este mesmo edifício com a tua avó Claire.

Ela ri-se, vendo o meu queixo a descair de espanto.

— Estás a gozar! — exclamo. — Isso é uma coincidência incrível!

A Simone anui, mas depois abana a cabeça.

— Ou talvez não seja uma coincidência de todo. Eu estou aqui porque fui inspirada pela minha avó com as histórias que ela me contou da sua vida em Paris durante a guerra, e é por causa das ligações dela com o mundo da alta-costura que trabalho aqui, na Agence Guillemet. Parece que ambas fomos trazidas até cá por uma história partilhada.

Anuo lentamente com a cabeça, refletindo sobre as suas palavras; depois, pego na fotografia emoldurada, aproximando-a para examinar pormenorizadamente o rosto da Mireille. Com os seus olhos sorridentes e as madeixas de cabelo que se recusam a ser domadas pela fita que as afasta da testa, parece-me que consigo ver semelhanças entre ela e a Simone.

Aponto para a terceira rapariga, a jovem que se encontra no meio.

— Pergunto-me quem será ela... O nome dela está escrito no verso da fotografia: Vivienne.

A expressão da Simone torna-se subitamente séria, e vislumbro algo que não consigo identificar, uma centelha de tristeza, ou medo,

ou dor, talvez? Uma desconfiança nos olhos. Porém, depois ela retoma a compostura, dizendo, com uma indiferença cautelosa:

— Julgo que a amiga delas, a Vivienne, tenha vivido e trabalhado com elas aqui também. Não é espantoso imaginar as três a trabalharem aqui para o Delavigne? — Estarei a imaginar coisas ou ela está a tentar desviar o assunto da Vivienne?

A Simone continua:

— A minha *mamie* Mireille contou-me que elas dormiam nestes quartos pequenos, por cima do *atelier*, durante os anos da guerra.

Por um momento, parece que ouço o som de risos a ecoar pelas paredes do pequeno apartamento, imaginando a Claire, a Mireille e a Vivienne ali.

— Podes falar-me mais sobre o tempo da tua avó aqui, na década de 1940? — pergunto ansiosamente. — Talvez me dê pistas para algumas das perguntas que tenho sobre a minha história familiar.

A Simone olha de relance para a fotografia com uma expressão pensativa. Depois, ergue os olhos e fita os meus, dizendo:

— Posso contar-te o que sei sobre a história da minha avó Mireille. E está intimamente ligada às histórias da Claire e da Vivienne. Mas olha, Harriet, talvez seja melhor só fazeres perguntas se tiveres a certeza absoluta de que queres mesmo saber as respostas.

Sustenho o olhar dela com firmeza. Devo negar a mim mesma esta oportunidade de descobrir algo sobre a única família com a qual sinto algum tipo de ligação? Perante esse pensamento, um rasgo de desilusão perpassa-me, tão forte que me faz resfolegar.

Penso no frágil fio, a tecer o seu caminho de regresso através dos anos, a ligar-me à minha mãe, Felicity, e a ligá-la a ela à sua própria mãe, Claire.

Então, anuo com a cabeça. Seja qual for a história — quem quer que eu realmente seja —, preciso de saber.

1940

Paris tornara-se uma cidade muito diferente.

Algumas coisas teriam, obviamente, um aspeto semelhante: o ponto de exclamação que era a Torre Eiffel ainda pontuava o horizonte; o Sacré-Cœur permanecia no topo da sua colina em Montmartre, vigiando os habitantes da cidade enquanto estes seguiam com as suas vidas; e a fita de prata que era o Sena continuava a passar pelos palácios, pela igrejas e pelos jardins públicos, contornando os arcobotantes de Notre-Dame na Île de la Cité e agitando-se sob as pontes que ligavam as margens esquerda e direita do rio.

Algo, porém, havia mudado. Não eram apenas os sinais óbvios, como os grupos de soldados alemães que marchavam ao longo da avenida e as bandeiras desfraldadas ao vento nas fachadas dos edifícios como uma ameaça subjacente — enquanto caminhava por baixo delas, o sussurro do tecido estampado com suásticas pretas e brancas sobre um fundo vermelho-sangue parecia a Mireille tão estrondoso quanto qualquer bombardeamento. Não, ela sentia algo diferente, menos tangível, ao percorrer o caminho de regresso a Saint-Germain desde a Gare Montparnasse. Era visível na expressão derrotada dos olhares abatidos das pessoas que passavam apressadas, ouvia-se no tom monótono e áspero das vozes alemãs nas mesas das esplanadas dos cafés e bares, e era enfatizado pela série de veículos militares com mais insígnias

nazis — aqueles emblemas sombrios que agora pareciam estar por todo o lado — a passar velozmente por ela.

A mensagem era clara: a capital do seu país já não pertencia a França. Fora abandonada pelo governo, entregue pelos políticos da nação como uma noiva negociada num casamento arranjado à pressa.

E, apesar de muitos daqueles que, como Mireille, haviam fugido perante o avanço alemão alguns meses antes estarem agora de volta, regressavam a uma cidade transformada. Tal como os seus cidadãos, a cidade parecia estar a baixar a cabeça, envergonhada, ante os terríveis lembretes que se encontravam por toda a parte: Paris estava agora nas mãos dos alemães.

À medida que a luz da tarde começava a estender as sombras projetadas pelas janelas sobre a ampla extensão da mesa de corte, Claire curvou-se um pouco mais sobre a saia na qual estava a aplicar um galão decorativo. Terminando rapidamente com alguns pontos sobrepostos, cortou a linha com a tesoura que trazia pendurada ao pescoço, numa fita. Incapaz de evitar, bocejou e espreguiçou-se, massajando a nuca, onde se concentrava a dor de um dia de trabalho.

Naquela altura, o *atelier* tornara-se um local aborrecido, pois muitas das raparigas tinham partido e não havia ninguém com quem trocar mexericos ou rir nos intervalos. A supervisora, Mademoiselle Vannier, foi ficando com um humor ainda pior do que o habitual à medida que o trabalho se acumulava, persuadindo as costureiras a trabalharem mais depressa, mas depois reclamando perante o menor deslize na qualidade, o que, aos olhos de Claire, era, normalmente, apenas imaginário.

Claire tinha a esperança de que algumas das outras raparigas regressassem depressa, agora que a nova administração estava a organizar comboios especiais para trazer os trabalhadores de regresso aos seus empregos em Paris; assim, as noites não seriam tão solitárias nos quartos sob o beiral. Claire sentia que os sons da cidade para lá das janelas se haviam tornado abafados, e instalava-se uma quietude

assustadora assim que o toque do recolher obrigatório se fazia ouvir, às 22 horas. Contudo, na escuridão silenciosa, o edifício rangia e chiava sozinho, e, por vezes, Claire imaginava que ouvia passos na noite. Então, puxava os cobertores sobre a cabeça, imaginando soldados alemães a invadirem a casa à procura de mais pessoas para prender.

Claire era uma das costureiras mais jovens, mas não fugira, como tantos outros haviam feito, naquele dia de junho, quando França capitulara às mãos dos nazis. Correr de volta para casa, para a Bretanha, com o rabo entre as pernas, simplesmente não era opção, quando apenas tão recentemente conseguira escapar à pequena aldeia piscatória de Port Meilhon, onde ninguém tinha o menor sentido de estilo e onde os únicos homens que restavam eram velhos ou tresandavam a sardinhas, ou ambas as coisas. Com a imprudência da juventude, decidira arriscar e permanecer em Paris, tendo-se revelado uma boa escolha, pois o governo rendera-se para que os alemães permitissem que a cidade se mantivesse intacta. A partida de várias das suas colegas mais antigas implicara que ela tivesse recebido autorização para trabalhar em algumas das encomendas mais interessantes feitas pelo salão, no rés do chão. A esse ritmo, talvez conseguisse atrair a atenção de Monsieur Delavigne e realizasse o seu sonho de se tornar assistente no salão, e, posteriormente, vendedora, sem ter de cumprir ainda muitos mais anos de escravatura na sala de costura.

Imaginava-se num fato imaculadamente feito à medida, o cabelo apanhado num elegante coque, a aconselhar os melhores clientes de Delavigne sobre as últimas tendências da moda. Teria a sua própria secretária com uma pequena cadeira dourada e uma equipa de assistentes que a tratariam por Mademoiselle Meynardier e correriam para cumprir cada ordem que lhes desse.

A supervisora acendeu as luzes elétricas, iluminando a sala onde várias das raparigas estavam a começar a guardar as coisas para se irem embora, arrumando as tesouras, as almofadas de alfinetes e os dedais nas malas e pendurando as batas brancas na fileira de cabides ao lado da porta. Ao contrário de Claire, a maioria delas tinha casa na

cidade, para onde regressariam, com a pressa de voltar para a família e para o jantar.

Mademoiselle Vannier fez uma pausa ao passar por trás da cadeira de Claire, estendendo a mão para a saia. Segurou-a sob o brilho severo das lâmpadas sem abajur para inspecionar a peça de roupa de perto. Comprimiu os lábios, e as rugas em redor da boca — já marcadas como consequência inevitável da sua idade e do hábito de fumar 20 cigarros por dia — tornaram-se ainda mais profundas ao contraí-la para se concentrar. Por fim, anuiu abruptamente e devolveu a saia a Claire.

— Passa-a a ferro e pendura-a. Depois, podes arrumar as tuas coisas também.

Mademoiselle Vannier deixara sempre claro que aquelas que gozavam do privilégio de ficarem alojadas no apartamento do andar de cima da casa de alta-costura estavam à sua inteira disposição até que ela decidisse que o dia de trabalho terminara, mesmo que, por vezes, isso significasse trabalhar pela noite fora em encomendas importantes. Claire estava aborrecida por ter sido obrigada, como de costume, a ficar até mais tarde do que as restantes costureiras, e, na pressa que nascera da sua irritação, encostou a pele suave do interior do pulso à ponta do ferro quente. Mordeu o lábio para impedir um grito de dor ardente da queimadura. Qualquer alarido só atrairia novamente a atenção de Mademoiselle Vannier, e a sua partida seria atrasada por mais uma repreensão por não tomar o devido cuidado.

Claire pendurou a saia no varão onde ficaria durante a noite, alisando a textura suavemente pontilhada do *tweed* sobre o forro de seda castanho-avermelhada e admirando a forma como o galão contrastante favorecia a cintura. Tinha um corte agradavelmente clássico, típico do trabalho de Delavigne, e os seus próprios pontos minúsculos e muito certinhos eram praticamente invisíveis, em consonância com a elegância da peça. O casaco a condizer estava a ser finalizado pelo alfaiate, e o novo fato em breve estaria pronto para ser entregue à sua dona.

O som de passos nas escadas e da porta a abrir-se fez Claire virar-se para ver quem seria, julgando que fosse uma das outras costureiras

que se esquecera de alguma coisa e voltara para a vir buscar. Porém, a figura que se encontrava à soleira da porta não era uma das costureiras. Era outra rapariga. Os cachos de cabelo escuros emolduravam-lhe o rosto, tão estreito e pálido que Claire demorou a reconhecer de quem se tratava.

Mademoiselle Vannier foi a primeira a falar.

— Mireille! — exclamou. — Voltaste! — Dirigiu-se à porta, mas depois deteve-se, recuperando a sua habitual postura formal. — Então, decidiste voltar? Muito bem, ficaremos muito satisfeitas por ter outro par de mãos. O teu quarto lá em cima está vago. A Claire pode ajudar-te a fazer a cama. E a Esther? Também voltou contigo?

Mireille negou com a cabeça, pousando a mão na ombreira da porta, como se precisasse do apoio.

— A Esther morreu — respondeu, com a voz áspera de tristeza. Vacilou ligeiramente, a luz forte na sala de costura fazendo as olheiras em redor dos seus olhos parecerem hematomas.

Seguiu-se um momento de silêncio chocado, enquanto Claire e Mademoiselle Vannier interiorizavam as palavras de Mireille, mas depois a supervisora recompôs-se.

— Muito bem, Mireille. Estás cansada da viagem. Não é certamente a melhor altura para conversarmos. Vai lá para cima com a Claire. Dorme uma boa noite de sono e amanhã podes voltar a ocupar o teu lugar na equipa. — O seu tom suavizou-se ligeiramente ao acrescentar: — É bom ter-te de volta.

Só então Claire, que ficara petrificada perante a aparência inesperada e alterada da sua amiga e pelas palavras chocantes que a ouvira proferir, se aproximou rapidamente de Mireille, dando-lhe um breve abraço.

— Anda — disse, tirando-lhe o saco da mão. — Há pão e queijo na cozinha. Deves estar com fome. — Com passos rápidos e leves, foi à frente, e Mireille seguiu-a, mais devagar, pelas escadas acima.

Sentindo que a amiga precisava de algum tempo para se reajustar a estar de regresso ao apartamento, Claire tratou de lhe fazer a cama

e depois preparou um jantar parco para ambas. Partilhando a sua ração da semana, Claire interrogou-se, por instantes, como iriam elas comer no dia seguinte, mas logo afastou esse pensamento. O mais importante era que Mireille comesse bem nessa noite. Talvez conseguisse encontrar alguns legumes para fazer uma sopa. E, agora que Mireille também ali estava, poderiam obter o dobro da ração, o que as ajudaria a prosseguir.

— *A table!* — chamou Claire. Porém, como Mireille não apareceu imediatamente, foi procurá-la.

Mireille abriu a porta do quarto que Esther ocupara quando chegara a Paris como refugiada da Polónia, grávida e desesperada por proteger a filha que carregava no ventre. Poucos meses depois, dera à luz a sua bebé, no pequeno sótão. Chamara-lhe Blanche. Claire lembrou-se da admiração que sentira ao ver Esther apoiada nas almofadas, a segurar a filha recém-nascida nos braços. Jamais esqueceria o olhar de euforia exausta no rosto dela, a contemplar os olhos azul-escuros da bebé, a força do seu amor parecendo instantânea e visceral.

Mireille permanecia à entrada do antigo quarto de Esther. Claire aproximou-se, pousando-lhe um braço sobre os ombros.

— O que é que lhe aconteceu? — perguntou delicadamente.

Fitando a armação de ferro da cama com o colchão desnudado, Mireille contou-lhe, em voz baixa, o rosto inexpressivo, que tinham sido apanhadas no fluxo de refugiados que fugiam de Paris quando as forças alemãs atravessaram a Linha Maginot e avançaram para a capital. A estrada para sul estava obstruída pela maré de civis, e um único avião atacou, mergulhando uma e outra vez para razeir a multidão a fogo de metralhadoras.

— A Esther tinha ido procurar comida para a Blanche. Quando a encontrei, o rosto dela parecia tão pacífico. Mas havia sangue por todo o lado, Claire. Por todo o lado!

A expressão no rosto de Claire, com os olhos arregalados de horror, deu lugar às lágrimas, que começaram a cair.

— E a Blanche? — sussurrou. — Também morreu?

Mireille negou com a cabeça. Depois, virou-se para fitar Claire, encarando-a finalmente, olhos nos olhos, com um rasgo de desafio.

— Não. Eles não apanharam a Blanche. Ela está a salvo com a minha família no Sudoeste. A minha mãe e a minha irmã ficaram lá a cuidar dela. Mas, para sua própria segurança, as origens dela terão de permanecer em segredo, enquanto os nazis continuarem a sua perseguição bárbara ao povo judeu. Percebes, Claire? Se alguém te perguntar, diz simplesmente que a Esther e a Blanche morreram.

Claire anuiu com a cabeça, tentando, sem sucesso, deter o fluxo das lágrimas com a manga.

Mireille estendeu os braços e apertou Claire pelos ombros com uma ferocidade destinada a chamá-la à razão.

— Guarda as tuas lágrimas, Claire. Haverá um tempo para fazeres o teu luto quando tudo isto acabar, mas agora ainda não. Agora, temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ripostar, para resistir a este pesadelo vivo.

— Mas como, Mireille? Os alemães estão por todo o lado. Não há nada a fazer quando o nosso próprio governo desistiu da nação.

— Há sempre alguma coisa a fazer, por muito pequenos e insignificantes que os nossos esforços possam parecer. Temos de *resistir*. — Mireille repetiu a palavra com tal ênfase, que os olhos de Claire se arregalaram de medo.

— Estás a falar de...? Tu serias capaz de te envolver com...?

Os caracóis escuros de Mireille dançaram, com vestígios da sua velha determinação. Havia uma expressão desafiadora nas suas feições enquanto anuía.

— E tu, Claire? O que vais fazer? — perguntou.

Claire abanou a cabeça.

— Não sei bem... Não sei, Mireille. Seguramente, não há nada que pessoas comuns como eu e tu possamos fazer.

— Mas, se as pessoas comuns não fizerem nada, quem é que irá avançar e tomar uma posição contra os nazis? Não serão os políticos em Vichy, os fantoches do novo regime; e não será o Exército Francês,

cujos batalhões estão a apodrecer em campos rasas ao longo de toda a Frente Oriental. Somos tudo o que resta, Claire. Pessoas comuns como eu e tu.

Claire ficou em silêncio, por um momento.

— Mas não tens medo, Mireille? — acabou por perguntar. — De te envolveres de uma forma tão perigosa... e debaixo do nariz do Exército Alemão? Paris é deles, agora. Eles estão por todo o lado.

— Houve uma altura em que tive medo, sim. Mas vi o que fizeram à Esther e a tantos outros que estavam na estrada naquele dia. Mais pessoas comuns. E agora sinto raiva, e a raiva é mais forte do que o medo.

Claire encolheu os ombros, fazendo com que Mireille os libertasse.

— É tarde demais, Mireille. Temos de aceitar que as coisas mudaram. França não é o único país que caiu nas mãos dos alemães. Deixa que os Aliados se encarreguem da luta. Olha que já é uma grande batalha mantermo-nos vivos, nos dias que correm, sem irmos agora à procura de sarilhos noutra lugar. — Recuando para o corredor estreito, Mireille estendeu a mão para a maçaneta da porta do quarto de Esther e fechou-a firmemente.

Claire puxou a bainha da camisa com nervosismo, sem saber o que acrescentar.

— Temos algumas coisas para jantar... — disse.

— Deixa estar — respondeu Mireille, com um sorriso que não conseguia apagar a tristeza visível nos seus olhos. — Não estou com fome esta noite. Acho que vou desfazer a mala e dormir um pouco. — Virou-se para se dirigir ao seu quarto, mas deteve-se, sem olhar para trás, dizendo, numa voz calma e baixa: — Mas estás enganada, Claire. Nunca é tarde demais.

## Harriet

**D**eitada na escuridão desconhecida do meu novo quarto, a ouvir os sons noturnos de Paris vindos da rua lá em baixo, penso sobre o que a Simone me contou acerca da história da minha avó. Parece-me importante captar as palavras dela, pelo que comecei a escrevê-las no diário que trouxe comigo. Tinha a intenção de o usar para registar o meu ano de trabalho em Paris, mas a história da Claire e da Mireille parece estar tão ligada a mim, parece ser uma parte tão fulcral de quem eu sou, que quero lembrar-me de cada pormenor.

Ao ler as primeiras páginas, tenho de admitir que estou um pouco desapontada por ter sido a Mireille a querer juntar-se à Resistência e não a Claire, que, muito francamente, se mostrou um pouco fraca comparativamente com a amiga. Porém, ela era jovem, recordo a mim própria, e não tinha experienciado os horrores da guerra como a Mireille.

Os sons de fundo do trânsito de algumas ruas do Boulevard Saint-Germain são interrompidos pelo grito urgente das sirenes da polícia, e o seu ruído repentino faz o meu coração disparar. Ouço-as a desvanecer, as luzes da cidade lançando um brilho alaranjado através da janela do sótão, e estendo a mão para me apoiar, tocando nas grades da cama atrás da minha cabeça. O metal está frio, apesar do bafo quente da noite da cidade. O colchão da cama é claramente um acrescento recente

e é razoavelmente confortável. Será que esta era uma das camas originais que havia no apartamento há tantos anos? Terá a Claire dormido aqui? Ou a Esther e a filha dela, a Blanche?

Viro-me de lado, desejando que o sono chegue. Na luz fraca, a fotografia sobre a cómoda brilha ligeiramente na sua moldura. Distingo as três figuras, apesar de não conseguir vislumbrar os seus rostos na escuridão.

Recordo as palavras de advertência da Simone, de que só devo fazer perguntas se tiver a certeza absoluta de que quero saber as respostas. O que será pior: conhecer os horrores da guerra como a Mireille ou escolher permanecer tão inconsciente quanto possível como a Claire?

A Simone deve ter calculado que eu me iria sentir um pouco dececionada com a passividade da minha avó e a sua relutância em juntar-se à luta contra a Ocupação. Talvez tenha sido por isso que não me queria contar a história. Mas como é que algum de nós pode saber, hoje em dia, qual terá sido a sensação de ter o seu país invadido? Qual será a sensação de viver em privação e com medo, nas garras do controlo estrangeiro, com a ameaça constante de atos casuais de brutalidade? Como é que poderíamos saber como iríamos reagir?

Finalmente, adormeço. Sonho com filas de raparigas com batas brancas, as suas cabeças curvadas sobre o trabalho, enquanto costuram um rio sem fim de seda vermelho-sangue.

# Uma inesquecível história de amizade e coragem que atravessa gerações e une o destino de três mulheres audazes.

Harriet chega a Paris com pouco mais do que os seus sonhos e uma fotografia antiga. O destino leva-a à Rue Cardinale, ao mesmo prédio onde a sua avó Claire vivera e trabalhara décadas antes. Ansiosa por saber mais sobre o seu passado, Harriet procura pistas sobre a vida da avó, mas o que descobre é uma história muito mais negra e dolorosa do que alguma vez imaginara.

Em 1940, três costureiras tentam sobreviver numa Paris ocupada pelos nazis, uma cidade onde tudo parece faltar. Enquanto Claire se envolve com um oficial do Exército Alemão, Mireille ajuda a Resistência, participando em missões cada vez mais arriscadas, e a enigmática Vivienne desempenha um papel que não pode revelar às suas companheiras.

À medida que se enredam mais profundamente em atividades clandestinas, o cerco aperta-se em torno destas três mulheres, e os segredos que guardam ameaçam não só a amizade que as une como também as suas vidas. As escolhas difíceis que são obrigadas a fazer acabarão por determinar o seu futuro e o das gerações vindouras.

**«Se aquilo que deseja é um drama histórico intenso e focado no comportamento altruísta das mulheres desta época, que fizeram o que estava ao seu alcance para ajudar no esforço de guerra, não procure mais.»**

Sammia Hamer, Editora da Amazon

NÃO PERCA,  
DA MESMA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-564-119-2



9 789895 641192

Romance Histórico